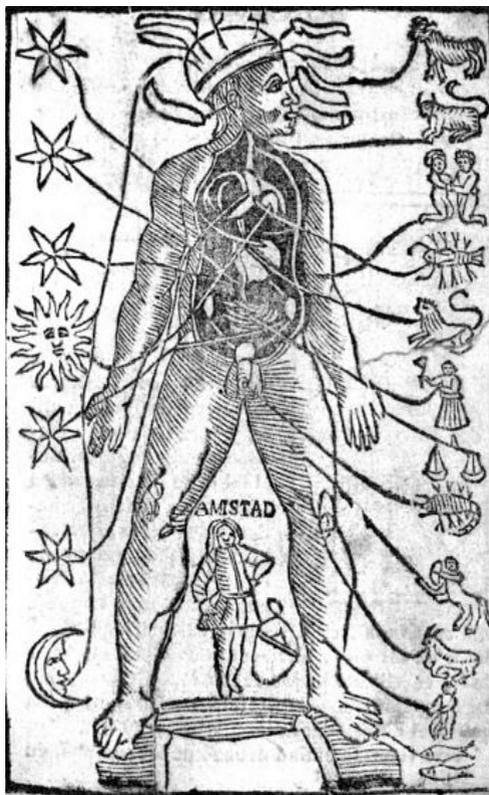


SABERES E PRÁTICAS DE CURA  
NO “LUNÁRIO PERPÉTUO”  
DE GERÓNIMO CORTÉS (1555-1615) E SUA  
INFLUÊNCIA NO NORDESTE BRASILEIRO



ARGUS VASCONCELOS DE ALMEIDA

Professor Associado do Departamento de Biologia da UFRPE

argus@db.ufrpe.br

OLINDA, 2012



# INTRODUÇÃO

O que se denomina de “medicina popular”<sup>1</sup> apresenta-se como um conjunto de aspectos cognitivos, ideológicos, comportamentais e emocionais relacionados às práticas de cura e modificados historicamente (Silva *et al.*, 2004). Daí ser imprescindível o conhecimento histórico de como se constituiu o que se denominava de “medicina popular”, aqui tratado na perspectiva dos conhecimentos da medicina astrológica e hipocrática trazidos pelo colonizador europeu, principalmente ao Nordeste brasileiro. Isto é, um conjunto de saberes e práticas de cura criados pela experiência e preservados pela tradição, os quais teriam sempre um espaço na cultura dos povos, muito antes do advento da medicina acadêmica.

No século XVI, os assuntos relativos à astrologia não ficavam restritos aos estudiosos, mas foram difundidos popularmente através dos almanaques. Estas publicações começaram a se popularizar a partir do século XV. Receberam várias denominações (calendários, lunário, prognósticos). Na Península Ibérica o primeiro almanaque publicado em 1496 com este nome foi o *Almanach Perpetuum* do astrólogo judeu Abraham Zacuto (Szesz, 2008).

O astrólogo podia possuir também um conhecimento sobre medicina. Entre os médicos do século XVI dizia-se que “O médico que não souber astronomia não poderá conhecer a causa nem tão pouco a doença”. Na gênese destas idéias encontra-se uma reflexão sobre a patologia baseada na teoria hipocrática dos humores humanos, na qual uma doença era concebida como um desequilíbrio dos humores provocado (Szesz, 2008).

---

1 A expressão “medicina popular” perdeu espaço e praticamente caiu em desuso em função de sua idéia de um saber construído em oposição a outro “racional”(Witter, 2005).

A representação do homem astral é a mesma das encontradas nos livros de medicina astrológica durante a Idade Média e que teve continuidade até o século XVI, até que a influência da obra de André Vesálio provocou o desaparecimento dela e o início da anatomia moderna (Ogáyar, 1989).

A matriz destas concepções remonta aos antigos almanaques astrológicos manuscritos da Idade Média e principalmente aos mais recentes surgidos após o advento da Imprensa. Dentre estes se destaca o “Lunário Perpétuo” do astrólogo valenciano Gerónimo Cortés (1555-1615) publicado na Espanha em 1594, com o extenso título de *“Lunario perpetuo, el cual contiene los llenos y conjunciones perpetuas de la Luna, declarando si seran de tarde o de mañana, con la pronosticacion natural y general de los tiempos”* e cuja primeira tradução para o português data de 1703. Livro muito popular nas regiões rurais do Brasil nos séculos XVIII, XIX e na primeira metade do século XX, o Lunário é uma obra calcada em preceitos astrológico-hipocráticos inseridos em uma visão mágica de mundo muito em voga no Renascimento. A análise do seu discurso e desta visão de mundo na qual está inserido é algo de fundamental importância para a compreensão da mensagem dos almanaques de cordel (Moura, 2009). Esta obra se constituiu numa das principais fontes de leitura e consulta dos fazedores de almanaques é a obra que mais influencia os autores de almanaques (Szesz, 2008).

O Lunário contava o ano por luas. Começa tratando das divisões do tempo e do mundo. Mostra a importância dos quatro elementos e dos astros (signos, planetas, sol e lua). Dá ensinamentos sobre plantas, árvores, animais, e sobre a vida dos homens e dos povos em cada mês, e sobre todos os planetas. Fala dos quatro humores do corpo. Dá atenção especial às idades da lua, suas conjunções com os signos do zodíaco e seus efeitos sobre o mar e sobre a produção dos mantimentos. Explica o que os signos têm a ver com o destino dos homens

e das mulheres. Fala dos eclipses. Faz prognósticos sobre o tempo para todo sempre. Dá orientações práticas sobre purgas, sangrias e aplicação de ventosas. Dá explicações sobre saúde e doenças. Relata sinais de peste, de terremotos, de carestia; sinais de chuva, vento e seca. Ensina muitos remédios. Dedicou algumas páginas ao Responso de S. Antônio e ao Agnus-Dei. O Lunário já foi muito usado no Brasil. Ainda se encontram exemplares do lunário entre o povo. Foi o livro mais lido nos sertões do nordeste durante uns duzentos anos. Era um dos livros mestres para os cantadores populares, na parte que eles denominavam “ciência” ou “cantar teoria” gramática, história, doutrina cristã. É responsável por muitas frases curiosas, ditas pelo sertanejo, e que provém de clássicos dos séculos XVI ou XVIII. O Lunário tinha para o sertanejo a força das “escrituras santas” (Medeiros Filho & Faria, 2001).

No Nordeste brasileiro os almanaques circularam em grande quantidade. Havia o “Almanaque de Pernambuco”, de João Ferreira de Lima lançado em 1936 e que circulou até 1979, o almanaque de Manoel dos Santos chamado “Almanaque do Nordeste Brasileiro”, o Almanaque de Manoel Caboclo e Silva chamado “Almanaque o Juízo do Ano” e de José Costa Leite chamado de o “Calendário Brasileiro”, o “Almanaque do Nordeste” de Vicente Vitorino Melo e o “Almanaque do Cariri” (Szesz, 2008).

Os almanaques de cordel apareceram no Nordeste em 1920, tendo sido “O Vaticínio e Prognóstico do Ano”, do paraibano José Honorato de Souza, o primeiro deles a circular regularmente no país. A ele se seguiram vários almanaques de outros autores e que proliferaram, principalmente a partir da década de 1930, quando os até então muito populares almanaques de farmácia sofreram certo declínio. Diferentemente dos almanaques de farmácia, publicações dedicadas mais ao entretenimento leve e à divulgação de curiosidades, os alma-

naques de cordel concentraram sua atenção nas atividades já acima mencionadas e mais diretamente ligadas aos interesses do homem do campo (Moura, 2009).

Marcante foi a publicação do “Lunário Moderno” ou “Manual do Nordestino”, pelo Dr. Israel, pseudônimo de Manoel Pereira Diniz, paraibano de Alagoa Nova, nascido em 1887, formado em Direito (1911), pela Faculdade do Recife, e que migrou para a terra do Padre Cícero, onde publicou livros (“Mistérios do Juazeiro”, 1935), fundou o Colégio São Miguel, e viveu até sua morte, em setembro de 1949 (Carvalho, 2006). O “Lunário” do Dr. Israel tinha como proposta: “adaptar o Lunário Perpétuo” para o hemisfério sul. da publicação espanhola, de 1701 (chegou em 1703 a Portugal). A idéia, oportuna, rendeu uma segunda edição “revista”, em 1945, com muitos erros de ortografia, acompanhada de uma nota da redação: “Este livro foi cuidadosamente composto de acordo com o original e disposições do autor”. Com sua leitura hermética, o “Lunário Moderno”, com a idéia de “perpétuo” de seu congênere europeu, limitava as possibilidades editoriais, perdendo espaço para os almanaques (Carvalho, 2006).

Capistrano de Abreu, historiador do século XIX, dizia não acreditar em padres, feiticeiros, filósofos ou coisa que o valha. Não abria mão, porém, de consultar o Lunário para informar-se sobre os desígnios dos astros. O grande autor norte-riograndense Câmara Cascudo morreu cego, mas com um exemplar do Lunário Perpétuo, edição de 1918, em cima do criado-mudo. Os cantadores de São José do Egito consultam, ainda hoje, velhíssimas edições do livro para versar seus desafios em gestas imemoriais (Carvalho, 2006).

Assim, o Lunário foi durante séculos o livro mais utilizado pelo homem do campo e curiosos sobre os astros e sobre como a Lua interferia na vida do homem. Um verdadeiro guia, a orientar o

trabalhador em suas plantações, horóscopos e medicina caseira (França Júnior, 2007).

É objetivo do presente trabalho expor os saberes e práticas de cura presentes no Lunário (edição espanhola de 1768) e analisar a sua influência no Nordeste brasileiro.



Figura 1: Frontispício do Lunário, edição espanhola de 1606.

**EL NON PLUS ULTRA  
DE EL LUNARIO,**

Y

**PRONOSTICO PERPETUO,**

GENERAL, Y PARTICULAR

PARA CADA REYNO, Y PROVINCIA;

COMPUESTO

**POR DON GERONIMO CORTÉS,**  
*Valenciano;*



EXPURGADO

**SEGUN EL EXPURGATORIO**

del Año 1707. de la Santa

Inquisicion:

Y AORA NUEVAMENTE REFORMADO,

Y AÑADIDO

**POR DON PEDRO ENGUERA;**  
*Professor de Mathematicas.*

---

CON LAS LICENCIAS NECESSARIAS.

Barcelona: En la Imprenta de Maria Angela

Martí Viuda, en la Plaza de San Jayme.

Año 1768.

Figura 2: Frontispício do Lunário, edição espanhola de 1768.

## SABERES E PRÁTICAS DE CURA NO LUNÁRIO

ALGUMAS ADVERTÊNCIAS ASTROLÓGICAS MUITO PROVEITOSAS  
E NECESSÁRIAS PARA AS SANGRIAS

Quatro coisas devem ser observadas, segundo Avicena, para a sangria, a saber, o tempo, a idade, o costume, a virtude e sujeito do paciente. Mais adiante diz o mesmo Avicena, que de deve notar na sangria duas horas; que é a hora da escolha e a hora da necessidade. A hora da escolha há de ser depois de bem tarde do dia. Quando o

estomago está livre da digestão e evacuado o ventre. Para esta hora escolhida são boas e necessárias as advertências dos doutos e sábios astrólogos. A hora necessária para a sangria é quando a enfermidade é urgente e pede sangria, como em uma febre muito aguda, uma esquinência, um frenesi e outras semelhantes, as quais não se admitem prorrogações, nem considerações astronômicas, porque estas enfermidades acabam com a vida do homem. Tendo pois em conta a hora da escolha e as supostas regras dos peritos médicos acerca da idade, do tempo e das demais coisas, dizemos com Ptolomeu, no *Centiloquio*, que é coisa perigosa e temerária sangrar alguém estando a Lua no signo predominante da parte em que se vai fazer a sangria; que é muito apreciável, que seria ignorância não observar, para que não se experimente o que pode suceder, muito contrário as que se deseja (Cortés, 1768: 227-228).

#### **DO TEMPO PREJUDICIAL OU FAVORÁVEL PARA SE TOMAR PURGAS**

Uma regra muito observada pelos médicos experientes é proibir a medicamentos laxantes no excessivo calor do verão ou no maior frio do inverno. Isto é confirmado por Hipócrates no aforismo 5, onde diz que nos dias quentes ou frios não se devem tomar purgas.

Nas grandes mutações do tempo, diz Hipócrates que não se deve dar medicamentos e nem cauterios, nem se façam incisões nos membros, e estas mesmas regras de vem ser observadas nos solstícios e equinócios. São de tanta importância estas considerações astrológicas para a medicina, que segundo o mesmo Hipócrates, não deveria haver médico que não fosse astrólogo.

O melhor tempo do ano para purgar é a primavera, para os que não tem extrema necessidade. É muito perigosa a purga, e ainda a sangria como foi dito, estando a Lua em conjunção e oposição com o Sol, e isto num dia antes e outro depois.

Não se devem tomar purgas estando a Lua em signos ruminantes, com Áries, Touro e Capricórnio; porque não se podem reter no estômago e são vomitadas, segundo é demonstrado pela experiência. Se por acaso se queira purgar através do vômito, a tal escolha será boa. Estando Leão ascendente, assim mesmo a purga é vomitada.

Sempre que a Lua se encontrar em signos aquosos será de bom efeito a purga; porém adverte-se que se a purga for bebida, convém que a Lua esteja em Escorpião, e se for bocado ou eletuários, a Lua deve estar em Câncer; e se for em pílulas, em Peixes e desta maneira os efeitos serão muito bons e salutares. Se purgar estando Júpiter em sua casa e no ascendente não terá efeito a purga e podem ocorrer consequências funestas e prejudiciais a saúde do enfermo, porque este planeta, dependendo da hora da purga, pode mudar a qualidade da enfermidade (Cortés, 1768: 229-230).

**Tabela para saber-se quando as sangrias e purgas serão prejudiciais ou favoráveis e também em que parte do corpo terão domínio os signos e planetas.**

<b>Signos</b>	<b>Domínio</b>	<b>Purgas</b>	<b>Sangrias</b>
Áries	cabeça	prejudicial	benéfica
Touro	pescoço	prejudicial	prejudicial
Gêmeos	braços	indiferente	prejudicial
Câncer	peito	benéfica	indiferente
Leão	coração	prejudicial	prejudicial
Virgem	barriga	prejudicial	prejudicial
Libra	nádegas	indiferente	benéfica
Escorpião	genitais	benéfica	indiferente
Sagitário	coxas	indiferente	benéfica
Capricórnio	joelhos	prejudicial	prejudicial
Aquário	coluna	indiferente	benéfica
Peixes	pés	benéfica	indiferente

## DOMÍNIO DOS PLANETAS NO CORPO HUMANO

Saturno no braço;  
Marte no fel;  
Vênus nos rins;  
Lua na cabeça;  
Júpiter no fígado;  
Sol no coração;  
Mercúrio nos pulmões  
(Cortés, 1768: 231-232).

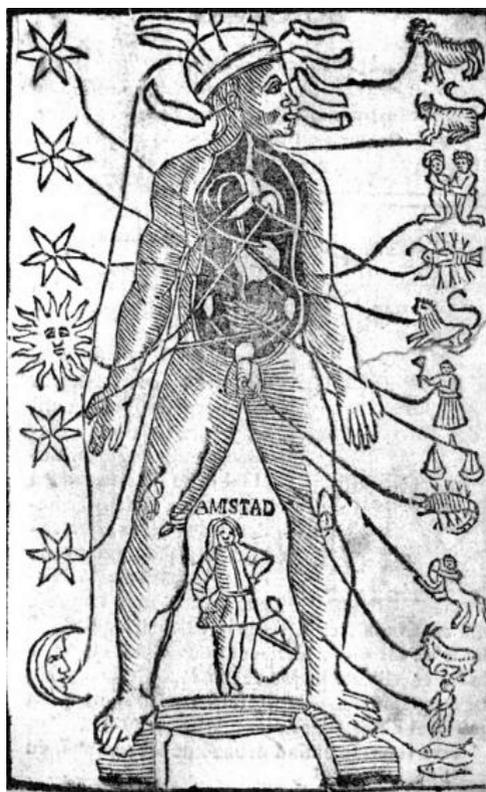


Figura 3: O homem astral do Lunário, edição espanhola de 1768.

## PROVEITO DE ALGUMAS SANGRIAS FEITAS EM DIVERSAS PARTES DO CORPO

No meio da frente está uma veia, cuja sangria serve para curar a dor de cabeça por antiga que seja, principalmente se a dor estiver localizada na parte posterior da cabeça. Seve também para as apostemas dos olhos, e enfermidades do rosto, como a morféia, lepra e frenesi. Em cada ângulo do olho se acha uma veia, cuja sangria vale para clarificar a vista e para todas as enfermidades dos olhos. No lábio superior, na parte de dentro, se acham duas veias cuja sangria vale contra toda doença dos olhos. Debaixo da língua, na parte funda, está uma veia cuja sangria vale para tirar a dor dos olhos, inchações do rosto, dor das bochechas, fedor do nariz e picadas. A sangria da veia cefálica é proveitosa para tirar a dor dos olhos e das orelhas.

Três veias se acham debaixo dos joelhos, cuja extração de sangue vale contra os apostemas dos rins. A veia safena, que se acha debaixo das clavículas das pernas, vale para tirar a dor das mesmas, e para o escorpião. O meio do dedo menor do pé, e do mediano, está uma veia que vale para tirar o apostema e a oftalmia. No fim do nariz está uma veia que vale para deter o fluxo de lágrimas. Debaixo das bochechas em cada uma das têmporas, está uma veia que sangrada vale muito para a vista. Duas veias estão debaixo da língua, no seu princípio, cuja emissão de sangue vale para esquinência e apóstemas. A veia comum do braço sangrada serve para tirar a dor de cabeça, do coração e pulmão. A veia basílica e hepática do fígado servem para tirar a dor de cabeça e reprimir o fluxo de sangue do nariz. No meio da cabeça está uma veia, cuja sangria serve para tirar a dor da enxaqueca e dor de cabeça. Duas veias se acham no prepúcio, na parte de dentro, que valem para a dor do coração. A veia que se acha entre o dedo polegar e o indicador da mão vale para evitar a dor de cabeça e olhos. A sangria da veia que está ente os dedos polegar e o mínimo

vale para a dormência dos braços e grandes calores. Em cima das canelas das pernas se acham duas veias chamadas ciáticas, cuja sangria vale para tirar a dor articular ou ciáticas e o fluxo de sangue. Detrás das orelhas se acham duas veias que sangradas servem para o mesmo fim e muito mais para a vista (Cortés, 1768: 234-235).



Figura 4: Xilogravura indicativa das sangrias segundo Cortés (1606)

## **ALGUMAS ELEIÇÕES ASTRONÔMICAS PARA A SANGRIA**

Já que mencionamos o tempo prejudicial para as sangrias, será bom declarar também em que tempo serão benéficas e convenientes para que sejam de utilidade e proveito.

Nos coléricos é de muito proveito a sangria que se fizer estando a Lua em signos aquosos como são Câncer, Peixes e Escorpião nos quinze graus posteriores. Nos fleumáticos será de grande utilidade a sangria estando a Lua em signos quentes (exceto em Leão) como são Áries e Sagitário. Nos melancólicos convém sangrar no tempo em que a Lua estiver nos signos acres (exceto em Gêmeos) como são Libra e Aquário. Finalmente, nos sanguíneos se podem sangrar em qualquer signo em que se ache a Lua, guardadas as regras da Medicina e as advertências astronômicas, que foram ditas.

As ventosas podem ser aplicadas em qualquer signo em que se encontre a Lua, exceto em Touro. A causa disto é por passar a parte deste signo por certas Estrelas, que são da natureza de Marte.

## **DAS VENTOSAS**

A ventosa dada no meio da cabeça, tira a inchação do rosto e ao redor das narinas e olhos. A ventosa nas espáduas vale contra a enfermidade dos peitos e nas nádegas vale contra as apóstemas das coxas. A ventosa dada em baixo do umbigo tira as dores do estômago. A ventosa nas coxas serve para aplacar as inchações e suas apóstemas. As ventosas nas panturrilhas valem para sanar as fístulas (Cortés, 1768: 237).

## **DOS BANHOS**

Não é menos importante em seu caso e lugar a boa escolha para o banho que para a purga e sangria; porém, é de notar-se, que o banho se toma por dois motivos, isto é, por prazer ou por saúde. Se for

tomado somente por prazer bastará que a Lua esteja no signo de Libra ou de Peixes que a pessoa ficará limpa. Se os banhos se tomarem para alcançar a saúde, se há de considerar a enfermidade, se requer umedecer-se, com paralisia ou os que têm os nervos encolhidos, ou outros problemas semelhantes, convém aguardar que a Lua esteja em Câncer ou em Escorpião, ou em Peixes; porque são signos aquosos e a sua natureza é umedecer; porém se a enfermidade requer dessecação, como a dos paralíticos, convém que a Lua esteja nos signos ígneos, como são Áries, Leão, Sagitário, cuja natureza é dessecar; e assim os banhos serão de grande proveito (Cortés, 1768: 237-238).

### **RAZÃO DOS FLUXOS DOS ASTROS**

Não se pode negar, que as Estrelas e Corpos celestes, causem nos corpos humanos muitos e vários efeitos; e a Estrela ou Planeta que mais e maiores os causam, é a Lua, pela vizinhança que nos tem, como também pela variedade de suas mudanças. Diz, pois, Nicolau Florentino, que para julgar o sucesso da enfermidade, devem-se saber duas coisas: a primeira é o próprio dia que começou a enfermidade, ou que se sentiu o mal estar; e a outra, é o dia da última conjunção que ocorreu. Sabidas bem estas duas coisas, fielmente, se observarão os dias que decorreram desde o dia da conjunção, até o dia que começou a enfermidade. Sabido este número de dias, se buscará pela tabela seguinte e em frente daquele número se achará o sucesso da enfermidade. Note e advirta-se o leitor, que ainda que a Lua assinale e influa uma coisa, Deus nosso Senhor pode, e está em suas mãos ordenar outra muito diferente, e para que a regra fique clara e entendida, daremos um exemplo e seja que a 9 de abril de 1712, houvesse alguém caído enfermo: vejo os dias, que vão desde a conjunção próxima, e acho a de 6 de abril, com que de 6 a 9 vão três; e diz que aqui existe perigo até o 14<sup>o</sup> dia, depois melhora. Note-se que a con-

junção da Lua próxima, sempre há de ser de antes do dia, em que se requer saber o acontecimento da enfermidade(Cortés, 1768: 38-239).

### **ACONTECIMENTOS DAS ENFERMIDADES PELOS DIAS DA LUA**

1. Se alguém adoeceu no próprio dia da conjunção da Lua se há de temer até 14, 21 e 28 dias de sua enfermidade, porém depois melhora.
2. Existe perigo até o dia 14, depois melhora.
3. Indica que com pouco trabalho ficará livre da enfermidade.
4. Denota grande perigo, até 21 dias, desde que se livre, sanará.
5. Denota enfermidade trabalhosa, porém não mortal.
6. Se não ficar logo bom, terá uma enfermidade trabalhosa; porém a 5 dias da Lua do outro mês ficará bom.
7. Logo estará melhor.
8. Se dentro de doze ou quatorze dias não estiver bom, estará em perigo.
9. Enfermidade grave, porém não mortal.
10. Perigo de morte antes de 13 dias.
11. Logo ficará bom ou logo se irá.
12. Se dentro de 15 dias não estiver bom, se irá.
13. Enfermidade trabalhosa até 18 dias, depois melhora.
14. Estará doente até 15 dias, depois convalescerá.
15. Se dentro de 4 dias não estiver bom, passará perigo de morte.
16. Padecerá até 28 dias e se sobreviver, sanará.
17. Saúde, se passar de 18 dias.
- 18 Se logo não sarar, a enfermidade será longa, com perigo de vida.
19. Terá logo a saúde, se tiver um bom regime.
20. Perigo de morte, até o sexto ou sétimo dia, depois melhora.
21. Se dentro de 10 dias não morrer, na Lua do mês seguinte, recuperará a saúde.

22. Dentro de 10 ou 12 dias estará com saúde.
23. Ainda doente, mas no outro mês estará bom.
24. Se dentro de 22 dias não ficar bom, a Lua do mês seguinte assinala o perigo de morte.
25. Se dentro de 6 dias não morrer, com muito trabalho, ficará bom.
26. Grave e perigosa doença.
27. Sinal de que de uma enfermidade passara a ter outra.
28. Sinal de perigo de morte antes de 21 dias.
29. Sinal de que pouco a pouco recobrará a saúde.
30. Enfermidade trabalhosa, porém com cuidado e diligência, recobrará a saúde (Cortés, 1768: 239-241).

### REGIME SANITÁRIO DE AVICENA<sup>2</sup>.

1. É muito saudável lavar-se logo pela manhã as mãos, olhos e rosto, com água muito fria, para animar os sentidos e deixar o cérebro confortado e tornar a vista aguda, forte e muito clara;
2. Ao levantar da cama andar um pouco e estirar os membros. Com este movimento matutino moderado vão-se preparando as superfluidades da primeira e segunda digestão e evacuação de fezes e urina e com estes movimentos se atraem os espíritos vitais aos membros e partes externas que assim ficam robustas e fortificadas, afinando os espíritos do cérebro;
3. Pela manhã, devem-se pentear os cabelos e esfregarem-se os dentes com raiz de tomilho<sup>3</sup> cozida no vinho, para embranquecer os dentes, duas ou três vezes cada mês;

---

2 AVICENA (Abu Ali Al-Husayn ibn Abdallah ibn Siña), viveu entre os anos de 980 a 1037, célebre médico persa, autor do *Cânone da Medicina* (al-*Qanun Fil-Tibb*), que foi a bíblia do ensino médico durante seis séculos. Foi também o comentador neoplatônico da filosofia aristotélica. O Cânon foi, aliás, uma tentativa de coordenar sistematicamente as doutrinas médicas hipocráticas com os conceitos biológicos de Aristóteles.

3 *Thymus vulgaris* L. Lamiaceae.

4. Esfregar os olhos com arruda<sup>4</sup> ou com vinho branco cozido com arruda, para tornar aguda a vista.
5. A primeira coisa para se colocar na comida é o sal moderadamente na comida, para ajudar na digestão e evitar a corrupção dos humores. Com muito sal a comida gasta a vista porque desseca a umidade dos olhos, cria humores mordazes de onde provém a sarna, a lepra e outros males.
6. Depois de comer peixe deve-se comer uma noz moscada<sup>5</sup>, para confortar os estomago e a vista. Depois de comer carne convém para a saúde comer um pedaço de queijo para assentar a comida e fazer uma boa digestão. O queijo velho é bom para os fleumáticos e novo para os coléricos;
7. O pão para ser comida deve estar bem fermentado e assado, que esteja oco. Não deve ser comida quente, pois não é bem recebido no estomago, pois causa sede e opilação e tiram o calor do rosto;
8. O vinho deve ser tomado moderadamente, pois conserva a saúde e aumenta a virtude natural. Bebido em exagero é muito danoso à saúde e virtude natural, porque causa muitas enfermidades como a gota, paralisia, lepra, sarna, dor de cabeça, altera os sentidos, tira a memória, ofusca o entendimento e entorpece a língua, queima o sangue, corrompe os humores, apodrece as entranhas e abrevia a vida;
9. Não se deve dormir ao meio-dia, ou ao menos que seja pouco, pois causa indigestão, dores de cabeça e gravíssimas opilações das veias e daí provém as febres, catarros, diminuição do apetite, cansaço, dureza dos membros. Depois de comer deve-se passear um pouco ou outro exercício moderado;
10. Não se deve comer muito à ceia, pois inquieta o sono e a pessoa,

---

4 *Ruta graveolens*, L. Rutaceae.

5 *Myristica fragans* Houtt. Myristicaceae.

- agrava a cabeça, causa fastio e manchas no rosto. Portanto, a ceia noturna deve ser breve e moderada;
11. O bom vinho deve ter três propriedades: ser forte, de boa cor e melhor odor. O vinho forte bebido moderadamente é muito saudável, pois serve de alimento e nutrição; o vinho de boa cor, além de servir de conteúdo à vista é aperiente e digere melhor; o vinho que tiver fragrância é muito confortativo, cria um bom sangue e engendra espíritos sutis;
  12. As carnes de cabra, de macho, de lebre e de boi não são boas para conservar a saúde, pois engendram humores grossos e sangue melancólico. A carne bovina é dura, pesada e demora em ser digerida, cria humores melancólicos e pesados; a melhor carne, segundo Galeno, é o toucinho, mas para os enfermos não valem nada. Não se deve beber água depois do toucinho, mas se beba vinho moderadamente;
  13. Ao almoçar e ceiar deve-se beber pouco, mas em pequenos goles ajuda o trânsito do alimento e prepara o estômago para outros alimentos. Se comermos ovos, estes devem ser moles e frescos, porque são melhores em nutrição, fácil digestão, engendra bom sangue sutil. Valem muito para os velhos, débeis e convalescentes; depois de cada ovo comido se deve beber um trago de vinho, porque assenta o estômago e ajuda na penetração do alimento nos membros;
  14. Os banhos, o vinho e o ato venéreo esquentam e dessecam a umidade e a fria natureza dos olhos e assim, enfraquecem a vista. Ficar muito tempo acordado gasta mais a vista, porque enxuga e desseca a umidade dos olhos, principalmente lendo, estudando, escrevendo ou olhando atentamente uma obra muito pequena. No ato venéreo, evacuar demasiadamente o sêmen causa o envelhecimento precoce.

15. Cinco plantas que se faz um composto para lavar os olhos: funcho<sup>6</sup>, verbena<sup>7</sup>, rosa<sup>8</sup>, celidonia<sup>9</sup> e arruda, é uma água maravilhosa para os olhos, pois a vista se conforta, aguça e clarifica.
16. Grãos de mostarda<sup>10</sup> em pequena quantidade, colhida em Lua minguante, purga a cabeça, destila o nariz, afina o sangue, desopila o fígado e o baço, contra a paralisia da língua e dos membros. Dos vapores recebidos por baixo nas mulheres com estes grãos na água, provoca regras, limpa o útero, tira os impedimentos urinários.
17. A sálvia<sup>11</sup> é uma erva de muitas virtudes para a vida humana: o sumo da sálvia colocado nas orelhas mata os bichos que ai se criam; a casca da sálvia cozida em vinagre desfaz as verrugas; para falar direito trazer folhas da erva debaixo da língua. A erva comida ajuda na digestão; tira a dores do peito e estômago; conforta os nervos e membros enfraquecidos; consola e alegra o coração, desfaz os humores grossos da bexiga e faz urinar muito. O vapor desta erva recebido por baixo limpa o útero das mulheres e as prepara para a conceber; caso alguma mulher grávida tenha o feto morto no ventre, a aplicação do vapor da sálvia em água fervente por baixo faz expulsar o feto morto; a água destilada de sálvia é boa contra a paralisia, contra o mal do coração e da gota coral (epilepsia); a sálvia machucada aplicada sobre a mordedura de animais venenosos tira a dor e a peçonha (Cortés, 1606: 118).
18. A “yerva buena”<sup>12</sup> tem a virtude de combater os vermes intestinais, tomando-se em jejum o seu sumo ou se for seca tomar o

---

6 *Foeniculum vulgare* Mill. Apiaceae.

7 *Verbena* sp. Verbenaceae.

8 *Rosa* spp. Rosaceae.

9 *Chelidonium majus* L. Papaveraceae.

10 *Brassica* sp. Brassicaceae.

11 *Salvia officinalis* L. Lamiaceae

12 *Clinopodium douglasii* (Benth.) Kuntzetem, Lamiaceae

seu pó em vinho branco ou comer as suas folhas que combatem a mordida do cão raivoso machucada e misturada com sal, azeite e vinagre; tira o veneno da picada dos escorpiões.

19. Para viver com saúde devemos não beber água depois de haver comido até cear, ou pelo menos depois de três a quatro horas. Porque ao beber água antes de ser feita a digestão gasta o estômago, cria gases, engendra maus humores e tira o apetite. Quem quiser viver se achaques, beba e coma pouco e viverá são. (Cortés, 1768: 244-260).

20. O mel de “romero”<sup>13</sup>, (ou alecrim) é de natureza quente e aromático, conforta o estômago, desopila e limpa e consome todas as umidades; abre os poros da bexiga e faz urinar bem. A flor de romero bem seca se conserva por muito tempo e dela se faz um letuário maravilhoso com açúcar que, tomado todas as manhãs com um trago de vinho branco, acaba com os desmaios do coração e tira as frialdades e dores do estômago; a flor de romero fresca, cozida com vinho branco tomados alguns tragos pela manhã abre as entranhas, combate a melancolia, alarga o coração, assenta o estômago, conforta a digestão, tira as ventosidades e evita o vômito; lavando-se a boca com o dito vinho evita-se a azia, firma os dentes e conserva o bom hálito; o romero mascado posto sobre chagas cura maravilhosamente; o romero machucado posto sobre partes dolorosas tira a dor; afasta os animais peçonhentos e seu humor vale contra a peste e mal contagioso. O romero trazido junto à carne no lado esquerdo do corpo alegria o coração. *E ainda diz um grande autor que na casa que se costuma defumar com romero, não habitam espíritos imundos.* Receita importante de romero: Diz Alonso de Herrera que da flor de romero se faz um licor maravilhoso como bálsamo e que esta receita lhe foi comunicada por um

---

13 *Rosmarinus officinalis* L. 1753. Labiatae

Mouro grande médico e herbolário. Diz que se tomem flores de romero, puras, limpas e bem maduras que deverão ser colocadas dentro de uma jarra grossa e bem tampada com um lenço apertado e um pergaminho em cima, tal que não possa escapar nenhum vapor e se ponha a jarra no meio de um monte de esterco muito quente por espaço de um mês, no fim do qual estarão as flores transformadas num licor. Feito isto, o licor deverá ser vertido em uma jarra menor, conforme a quantidade, mas bem tampada e se ponha ao sol e ao sereno, durante o mesmo tempo que passou no esterco e se obterá um licor salutarífico como um bálsamo. Tal licor cura todas as chagas novas e velhas, conforta e clareia a vista, tira as manchas dos olhos; desencilhe os nervos, fortalece os membros enfraquecidos pela paralisia, aquieta os tremores das mãos e da cabeça; tira as manchas do rosto; iguala as carnes das chagas e feridas, tirando os seus sinais (Cortés, 1606: 19-121, em itálico trecho censurado pela Inquisição).

21. A “pimenta negra”<sup>14</sup> purga a fleuma, atraindo o humor fleumático do íntimo do corpo e desfaz a reuma que se cria no peito, por ser quente e seco no quarto grau e segundo escreve Avicena desperta o apetite e ajuda muito na digestão (Cortés, 1606: 117).
22. O sumo de “veleño”<sup>15</sup> com a mesma erva machucada colocados duas ou três vezes ao dia sobre a tinea pelo período de oito dias o doente ficará completamente curado; as folhas verdes de veleño postas como emplastro na hemorróidas dessecam e enxugam o humor sanguíneo das veias e assim acaba com as terríveis dores e sofrimento. Porém os melhores remédios para as hemorróidas são o pênis do boi ou a tartarugas torrados no forno e feitos em pó e colocados nas hemorróidas, tanto internas quanto nas exter-

---

14 pimenta-do-reino, *Piper nigrum* L. Piperaceae

15 meimendro-negro, *Hyoscyamus niger* L. Solanaceae

nas, são curadas. Porém primeiro devem ser molhadas com vinho branco quente e depois pulverizadas muito bem (Cortés, 1606: 118).

## RESUMO DOS “REMÉDIOS UNIVERSAIS: PARA ENFERMIDADES ORDINÁRIAS POR CARLOS ESTEVÃO E JOÃO LIHAUT, MÉDICOS DA CIDADE DE PARIS” (CORTEZ, 1912)

**Enxaqueca:** ponha-se em cada ouvido uma pitada de cânfora em pó dentro de um bocado de cassa ou aplicar uma rodela de limão sobre a fonte, do mesmo lado da dor.

**Febre contínua:** aplicar sobre os pulsos dos braços a clara de ovos frescos e ferrugem de chaminé bem batida, e incorporando nela sal com vinagre bem forte, atando tudo com um pano de linho. Tomar uma cebola albarrã<sup>16</sup>, tirar-lhe o miolo, e atá-lo logo fortemente ao pulso do lado direito. Pisar umas acelgas ou azedas do campo, de que fazem uma bebida, que tomada no rigor da febre a remedia. Fazer emplastos do mesmo, e os aplicar aos pulsos. Colher a semente inteira de uma erva chamada zaragatoa<sup>17</sup>, e colocá-la em água uma noite inteira, dão depois a beber a mesma água ao enfermo com açúcar.

**Febre quartã ou cotidiana:** sálvia miúda ou da comum, hissopo<sup>18</sup>, losna, salsa, hortelã, artemísia e trevo, pisados juntamente com a ferrugem mais grossa que houver na chaminé e vinagre muito forte e destemperado, e fazendo disto emplastos pequenos, se aplicarão nos pulsos dos braços. Tomar o miolo de dois pães alvos,

---

16 *Drimia marítima* (L.) Stearn. Asparagaceae

17 *Plantago psyllium* L. Plantaginaceae

18 *Hyssopus officinalis* L. Lamiaceae

quentes, como saírem do forno, postos em vinagre, e destilados por alambique, e duas horas antes que venha a febre ao enfermo, dar-lhe a beber da água duas onças.

**Febre terçã:** raiz de tanchagem<sup>19</sup> pisada com igual quantidade de água e vinho, e também tomando a mesma erva pisada tirando-lhe o sumo, e dá-lo a beber ao enfermo algum tempo antes da terçã. O sumo das beldroegas<sup>20</sup> e da pimpinela<sup>21</sup> faz o mesmo. Tomar em jejum antes da febre duas onças do sumo de romãs,<sup>22</sup> e logo untar os pulsos e plantas dos pés com um pouco de unguento de populeão com duas dracmas de teia de aranha, até que passe o rigor da febre.

**Sonolência:** fumaças, pelos narizes, de penas de perdiz queimadas, ou solas de sapatos velhos, ou de unhas de jumentos, ou de cabelos humanos.

**Insônia:** sementes de dormideira, meimendro, alfices, e sumo de erva moura, ou leite de mulher, que crie filha, ou folhas de hera terrestre, amassadas com a clara de um ovo, por um emplastro na testa.

**Fraqueza da vista:** funcho, urgebão<sup>23</sup>, erva andorinha<sup>24</sup>, arruda, eufrasia<sup>25</sup> e rosas, em partes iguais, tudo destilado em alambique. No uso do medicamento colocar 3 a 4 gotas nos olhos, pela

---

19 *Plantago major* L. Plantaginaceae

20 *Portulaca oleracea* L. Portulacaceae

21 *Anagallis arvensis* L. Myrsinaceae

22 *Punica granatum* L. Lythraceae

23 *Verbena officinalis* L. Verbenaceae

24 *Chelidonium majus* L. Papaveraceae

25 *Euphrasia officinalis* L. Scrophulariaceae

manhã e a tarde. Cozimento de funcho e eufrasia e receber sua fumaça nos olhos.

**Sangue nos olhos:** clara de ovo batido com água rosada, ou de tanchagem, com pano de linho molhado e aplicado aos olhos.

**Catarata:** ovos frescos cozidos, depois divididos em quatro, tirar as gemas e encher com açúcar em pedra, espremer em um pano, até que saia um líquido que deve ser pingado nos olhos. Água de vitríolo branco<sup>26</sup>, açúcar em pedra, água rosada e claras de ovos duros, coada em um pano, o líquido deve ser tomado pela manhã e a tarde. Água de tutia<sup>27</sup> preparada: uma taça de tutia, meia onça de almécega<sup>28</sup>, derretida em água rosada e vinho branco, em uma taça de cada coisa e pondo-se tudo numa garrafa exposta ao sol por três semanas.

**Dor de ouvido:** azeite rosado e um pouco de vinagre no ouvido e em cima um molhinho de macela e coroa de rei.

**Zumbido nos ouvidos:** pingar azeite de arruda ou espicanardi<sup>29</sup>, ou amêndoa amargosa<sup>30</sup> ou aguardente.

**Surdez:** sumo de cebola ou vide branca<sup>31</sup>, misturado com mel ou sumo de casca de rabãos<sup>32</sup>, misturado com azeite rosado.

---

26 Sulfato de zinco.

27 *Solanum sisymbriifolium* Lam. Solanaceae

28 *Protium* sp. Burseraceae

29 *Cymbopogon citratus* (DC) Stapf. Poaceae

30 *Amygdalus communis amara* Ludwig ex DC. Rosaceae

31 *Clematis vitalba* L. Ranunculaceae

32 *Armoracia rusticana* P.G. Gaertn., B. Mey. & Scherb. Brassicaceae

**Cera no ouvido:** injeções de água tépida.

**Hemorragia nasal:** emplastro de urtiga brava no nariz e na mão raízes e folhas de agrimônia<sup>33</sup>, ou na boca água gelada mudando frequentemente; folhas de sálvia e véu de marmelo dentro do nariz e em volta do pescoço, sobre a jugular por ervas refrigerantes como alfavaca de cobra<sup>34</sup>, tanchagem e alface.

**Dor de dentes e gengivas:** cozimento de raízes de meimendro<sup>35</sup>, com vinagre e água rosada, colocando na boca de vez em quando; cabeça de alho assada e amassada e muito quente, colocada nos dentes ou gengivas.

**Embriaguez:** chá da Índia ou café; uma xícara de água fria com 15 a 20 gotas de acetato de amoníaco.

**Panarício:** mistura de uma pitada de sal de cozinha com uma gema de ovo, colocados num pano para cobrir o dedo, tirar em 48 horas e continuar o tratamento com petróleo canforado. Fazer um orifício na casca de um ovo fresco e nele enfiar o dedo doente por 24 horas. Cebola branca cozida e partida em duas metades, colocando-a ainda quente duas vezes por dia no dedo doente.

**Mau hálito:** erva doce, alfarrobas<sup>36</sup>, almécega e raiz de lírio azul, cozidos em vinho e lavar a boca com o líquido. Ao dormir, tomar

---

33 *Agrimonia eupatoria* L. Rosaceae

34 *Parietaria officinalis* L. Urticaceae

35 *Hyoscyamus níger* L. Solanaceae

36 *Ceratonia siliqua* L. Fabaceae

um bocado de mirra do tamanho de uma noz ou alum<sup>37</sup> derretido numa colher ou lírio de Florença.

**Dor de garganta:** aplicar à garganta um emplastro feito com ninho de andorinha, azeite de macela e amêndoas doces<sup>38</sup>.

**Dores nas costas e ilhargas:** três onças de cardo santo<sup>39</sup>, uma colher de vinho branco, seis gemas de ovos frescos, tudo bem misturado, se dará túbio ao paciente o mais rápido possível. Cinzas ou pó do pênis do boi e dar uma dracma<sup>40</sup> misturada em vinho branco, se a quentura for pouca; se for muita, com água de cardo santo ou cevada. A cinza do pênis se faz cortando-o em pedaços pequenos e jogando-os numa panela com fogo alto, virando os pedaços até que se transformem em pó.

**Vômitos:** fatia de pão torrado molhado em sumo de hortelã, pulverizado com almécega e colocada quente sobre o estômago, mudando de três em três horas. Cozer em vinho dois molhos de hortelã e um de rosas, com pó de almécega, fazer um emplastro e aplicar ao estômago.

**Dor de estômago:** cinzas quentes borrifadas com vinho, envolta num pano aplicado sobre a dor. Migalhas de pão quentes molhadas com azeite de macela, envoltas num pano e aplicado sobre a dor.

---

37 Sulfato de alumínio

38 *Amigdales comunis dulcis* (Mill.) DC. Rosacea e

39 *Carduss benedictus* L. Asteraceae

40 3,5944 gramas

**Hidropisia:** sementes de giesta<sup>41</sup> pisadas com vinho branco ou sumo da raiz de lírio azul e de asato<sup>42</sup> com vinho branco ou carrapetas de estevas<sup>43</sup> do mato torradas no forno e depois pisadas e peneiradas, tomar em um ovo ou um pouco de vinho em nove manhãs.

**Cólicas:** beber água de macela ou cozimento de cânhamo ou vinho com raiz de erva campana<sup>44</sup> ou esfolar um carneiro e colocar a sua pele sobre a dor ou emplastro de fezes de lobo no local.

**Hemorragias:** beber três ou quatro onças<sup>45</sup> de sumo de urtiga mansa ou de tanchagem ou caldo de couves cozidas ou sumo de romãs ou na salada tanchagem e azedas.

**Cuspir sangue:** beber água ou cozimento de solda, tanchagem ou cavalinha<sup>46</sup> ou de centinodia<sup>47</sup> (curijosa) ou almécega.

**Fazer o leite chegar:** sumo de funcho fresco ou gordura de vaca em pó.

**Diminuir o leite:** raiz de erva andorinha maior cozida e amassada em vinagre forte, colocada sobre os peitos. Emplastro de favas ou arruda, sálvia ou hortelã, losna e funcho cozido com azeite de macela.

---

41 *Spartium junceum* L. Fabaceae

42 *Astragalus membranaceus* Moench. Fabaceae

43 *Cistus ladanifer* L. Cistaceae

44 *Inula helenium* L. Asteraceae

45 28,4130625 ml

46 *Equisetum giganteum* L. Equisetaceae

47 *Polygonum aviculare* L. Polygonaceae

**Acne ou pústulas da pele:** alimentação com vegetais, limonadas ou laranjadas azedas, frutas, não beber bebidas alcoólicas; uso de purgantes.

**Lombrigas:** para as crianças, sumo de hortelã, ou de beldroega ou de arruda, aplicando-se em cima do umbigo um emplastro de losna, abrotea<sup>48</sup> e fel de boi.

**Pedra nos rins:** água de giestas<sup>49</sup>, ou de grama ou de argentina<sup>50</sup>, misturada com cascas queimadas de ovos ou de caroços de nêspers; por em cima dos rins um emplastro de alfavaca de cobra ou de raízes de cipreste e folhas de erva campana cozidas com vinho; tomar banhos com água fervida de folhas de rabaça<sup>51</sup>, malvas, malvaisco, vides, flores de giesta e macela. No banho colocar nos ombros um saquinho de farelo.

**Dores nos rins:** banhos de água morna de mais de uma hora, aplicação de cataplasma de linhaça nos rins; tomar chá de linhaça e xarope e bicarbonato de sódio.

**Pedra na bexiga:** sumo de lima azeda com vinho branco ou sementes de peras no vinho branco e quando estiverem secas pulverizá-las, juntas com sementes de giesta, pimpinelas, aspargos, saxifragias, melões, pepinos e abóboras com vinho branco. Pó de casca de nozes e goma de cerejeira com vinho branco.

---

48 *Asphodelus ramosus* Willd. Asphodelaceae

49 *Cytisus striatus* (Hill) Rothm. Fabaceae

50 *Argentina anserina* (L.) Rydb. Rosaceae

51 *Nasturtium officinale* R. Br. Brassicaceae (agrião)

**Urinar na cama:** comer frequentemente fígado de cabrito assado; beber vinho com miolo de lebre ou bexiga de porco.

**Suspender a menstruação:** sumo de tanchagem com pó de casca de ciba<sup>52</sup>; pó de ossos queimados, de pés de carneiros, ou de conchas marinhas, ou coral, ou pontas de veado, ou cascas de nozes queimadas, de dez a dose grãos vermelhos de peônia.

**Inflamação do útero:** sumo de tanchagem ou erva moura ou sempre noiva<sup>53</sup>; aplicação de emplastro de farinha de cevada, cascas de romãs, sumo de tanchagem ou de sempre noiva ou erva moura.

**Gravidez:** fastio: 4 a 6 grãos de ruibarbo em pó; prisão de ventre: clister de cozimento de linhaça; dores no corpo: fricções de óleo canforado; inchação das pernas: colocá-las na posição horizontal.

**Dor ciática:** emplastro de pedaços de pão molhado e cozido com leite de vaca, ou de ovelha, misturado com duas gemas de ovos e um pouco de açafão; ou um emplastro de raízes de malva, malva-ísco, folhas de viola e malva, flores de macela e de meliloto<sup>54</sup>, tudo cozido em água ou caldo de tripas, depois pisado com gemas de ovos, farinha de linhaça, gordura de porco e azeite de macela; ou esterco de vaca, farinha de favas, farelo de trigo, com sementes de cominho e água mel, tudo amassado e feito emplastro. Se no local da ciática estiver inflamado, acrescentar ao emplastro um pouco de enxofre e pez naval misturados, espremer em cima sumo de engos e hera, fervendo-o com azeite de arruda e de minhocas, fazendo um unguento com um pouco de cera para untar a parte.

---

52 *Sepia officinalis* L. 1758 Sepiidae

53 *Polygonum aviculare* L., 1753 Polygonaceae

54 *Melilotus officinalis* (L.) Pall. Fabaceae

**Contusões:** pano molhado com água misturada com aguardente canforada, ou com água vegeto-mineral, não o deixando secar. Cataplasma de linhaça fria regada com água vegeto-mineral ou aguardente canforada. Para a rouxidão da pisadura aplicar pano molhado com tintura de arnica pura e cataplasma de linhaça quente.

**Inflamações:** emplastro de flores e folhas de viola, e flores de meimendo, folhas de erva moura, flores de macela e coroa de rei, tudo fervido e aplicado ao local. Sumo de sempre noiva, misturado com vinho tinto e farelo de cevada, fazer um emplastro e aplicar no local.

**Apostemas:** emplastro de folhas e raízes de malva, malvaíscos e migalhas de pão, tudo cozido, depois acrescentar uma clara de ovo e um pouco de açafraão.

**Gota:** emplastro de couves vermelhas, engos com farinha de favas, flores de macela e de rosas, tudo em pó misturado.

**Sarna:** duas partes de terebentina de Veneza, lavar com água rosada quatro ou cinco vezes, fazer unguento com manteiga e uma laranja azeda. Estoraque<sup>55</sup> líquido misturado com banha de porco e untar as partes.

**Impingem:** toucinho sem sal aplicado três vezes ao dia.

**Icterícia:** pedra ume em pó com duas colheres de açúcar, com duas claras de ovo e duas colheres de aguardente, misturar tudo e tomar três colheres de manhã e três à noite por nove dias seguidos.

---

<sup>55</sup> *Liquidambar orientalis* L. Altingiaceae

**Diarréia:** chá bem forte de erva formiga<sup>56</sup>.

**Frieiras:** uma colher de azeite e outra de cera, uma xícara de terebentina, dissolver em fogo brando, e passar nas frieiras.

**Queimaduras:** água de cal viva misturada com igual porção de azeite, bater a mistura e cobrir com pano molhado a parte queimada. Aplicar clara de ovo nas partes queimadas. Banhar a parte queimada com vinho, vinagre ou aguardente.

**Mordeduras de bichos:** beber sumo de folhas de freixo com vinho branco. As mesmas folhas aplicar na forma de emplastro na mordedura.

**Resfriados e constipação:** escalda-pés com farinha de mostarda, chá de flores de sabugueiro, cascas de limão ou flores de tília ou chá da Índia para provocar transpiração. Beber limonada ou chá de flores de malva ou cozimento de cevada.

**Dor de cabeça:** causada pelo calor, pano molhado com água rosada na testa ou sumo de tanchagem, alfavaca de cobra, alface, beldroegas e vinagre. Duas claras de ovos com água rosada em pano colocado na testa. Lavar a cabeça com água tépida de folhas cosidas de vide, sálvia, golfo<sup>57</sup> e rosas, a água que sobrar lavar as pernas e os pés.

**Para tirar qualquer bicho que tenha entrado no corpo:** aspirar a fumaça de solas de sapatos velhos queimados por um funil pela boca e o bicho sairá pela parte de baixo.

---

<sup>56</sup> *Heterothalamus psiadioides* Less. Asteraceae

<sup>57</sup> *Nymphaea alba* L. Nymphaeaceae

# A MEDICINA ASTROLÓGICA DO LUNÁRIO E SUA INFLUÊNCIA NAS PRÁTICAS DE CURA DO NORDESTE BRASILEIRO

Os saberes e práticas de cura do Lunário se constituem numa compatibilização entre a medicina humoral, hipocrática, galênica e islâmica com a medicina astrológica de origem egípcia.

O destaque dado à sangria e a purga no Lunário (Cortés, 1768: 234-235), mostra o lugar central que ocupavam nas práticas de cura. Tal primazia atravessou os séculos. Os médicos ibéricos dos séculos XVI e XVII, nos tratamentos que dispensavam a qualquer doença vi-savam neutralizar a ação dos humores corruptos. Então, combatiam o mal-estar do paciente receitando regimes alimentares e medica-mentos compostos de elementos com qualidades opostas às subs-tâncias nocivas que dominavam o organismo ou através da sangria. Indicada no caso de contusões, dores reumáticas e inflamações, a sangria assumiu progressivamente a primazia do tratamento mé-dico, tornando-se inseparável do repertório das práticas curativas. A obra de Galeno contribuiu decisivamente para esta orientação. Na sua concepção o sangue não fazia um movimento circular e sim centrífugo, convergindo para os tecidos sem retornar ao ponto de origem. Por não conceber a circulação do sangue, sua tese justificou definitivamente o emprego da flebotomia. Ao seccionar uma veia, acreditava-se que o desvio do fluxo sanguíneo, do seu local de des-tino para a zona do corte, permitia que todos os humores danosos que entravam em contato com o sangue em sua jornada pelo corpo fossem recolhidos. A prática clínica desenvolveu-se rigorosamente dentro deste quadro. Prescrita por médicos e executada por barbei-ros, a sangria impôs-se e manteve-se como a soberana das técnicas de tratamento (Almeida, 2008).

Munidos de lancetas, bacias, pós restritivos para estancar o sangue, bichas (sanguessugas), ventosas de tamanhos variados para sangrias no pescoço e abdome, os barbeiros socorriam qualquer um. O procedimento da flebotomia era usado para expelir os humores danosos que atuavam sobre um ponto específico do corpo (evacuação), para desviar o fluxo sanguíneo e conduzi-lo para o lado oposto, evitando derrames na parte afetada (diversão), para levar o humor a uma parte específica (atração), provocando o mênstruo, por exemplo, e para modificar a qualidade do humor maligno predominante (alteração). Era empregado ainda para conservar os humores sãos, prevenindo uma enfermidade (preservação), e para amenizar dores ou baixar a temperatura do corpo, no caso de febres (aliviação) (Santos, 2005).

A medicina ensinada em Portugal e Espanha da Idade Média ao século XVI baseava-se nos princípios da escola hipocrática e nos ensinamentos galênicos, divulgados na Península Ibérica quando passou ao domínio do Islã no século VIII.

Desde a formação do Estudo Geral, em 1290, na cidade de Lisboa, até o fim do setecentos, gerações de médicos emitiram diagnósticos e receitaram mezinhas, considerando que cada ser vivo ou bruto era resultado da composição de quantidades variáveis de terra, água, fogo e ar. Guiados pelos pressupostos da medicina antiga, entendiam que a combinação destes quatro elementos no organismo humano dava origem a quatro humores distintos: o sangue e a bÍlis amarela, produzidos pelo fÍgado, a fleuma, produzida pelo cérebro e a atrabÍlis (bÍlis negra), produzida pelo baço. Como suas qualidades originais o quente, o frio, o seco e o úmido estavam sujeitos a forças internas ou externas capazes de alterá-los, os pneumas, asseguravam que a origem de todas as doenças residia no acúmulo destes líquidos orgânicos em uma região do corpo (Santos, 2005).

Os médicos portugueses e espanhóis defendiam, tal e qual os antigos, que o organismo era portador de uma força curativa que lhe era inerente e, por isto, o próprio corpo procurava libertar-se espontaneamente dos efeitos nocivos de qualquer desequilíbrio humoral através de secreções. Deste modo, a fleuma, fria, úmida e transparente, era expelida pelo nariz, nos resfriados; a bÍlis, amarela, quente e seca, era expulsa pelo vômito, nas alterações digestivas; a atrabÍlis, escura, fria e seca, era excretada junto com as fezes, nas afecções intestinais, enquanto o sangue, vermelho, quente e úmido, se desprendia das feridas e acompanhava a expectoração das doenças pulmonares. Em outras palavras, a saúde era consequência de uma combinação humoral harmônica e a doença era o sinal de um desajuste, de uma ruptura neste equilíbrio natural (Santos, 2005).

Com o desenvolvimento da imprensa tornaram-se numerosas as obras de medicina astrológica, que havia surgido no Egito helenístico nos começos do século II a.C., e que supunha a correlação entre o macrocosmo e o microcosmo, o que implica não só em conceber a realidade humana como uma réplica diminuta do universo, mas também imaginar este até certo ponto antropomorficamente, a maneira de um gigantesco organismo humano. Aos planetas, aos signos zodiacais, aos decanos, se lhes atribuem umas qualidades peculiares que se transmitiam por eflúvios (em seus raios) ou por simpatia ao ser humano. Por uma série de procedimentos se realizou a “melothesia” ou repartição dos influxos celestes sobre o corpo humano, segundo três tipos: zodiacal, decania e astral. Os astrólogos pensaram todo um sistema de complicadas combinações geométricas entre os signos e os astros para determinar o tipo de influência zodiacal ou astral que dominava em cada homem (Ogáyar, 1989).

Assim, estabeleceram que o Sol olha o estômago; Vênus os rins;

Saturno os pulmões; Júpiter o fígado; Mercúrio os rins; Lua olha a cabeça; Marte olha o fígado (Ogáyar, 1989).

Também relacionados com astrologia haviam os chamados selos, que consistiam em uma imagem astrológica dos signos zodiacais gravados em lâminas metálicas. Estas quando colocadas nas áreas afetadas se acreditava que produziam efeitos benéficos em seus portadores (Ogáyar, 1989).

Existia toda uma disciplina, conhecida como melotesia, que se apoiava na ideia da simpatia universal, justificada pela presença em todos os corpos dos quatro elementos: fogo, terra, ar e água e a teoria do homem como um microcosmo, que seria a reprodução em pequena escala da ordem do universo. Em geral, quase todos os textos antigos coincidem nas seguintes descrições: Melotesia zodiacal: Áries-cabeça; Touro-pescoço; Gêmeos-ombros; Câncer-peito; Leão-coração; Virgem-ventre; Libra-cadeiras; Escorpião-sexo; Sagitário-coxas; Capricórnio-joelhos; Aquário-pernas; Peixes-pés. Melotesia planetária: Saturno, o ouvido direito, bexiga, baço, mucosas e ossos; Júpiter, o tato, o pulmão e a esperma; Marte, o ouvido esquerdo, rins, veias e testículos; Sol, a vista, o cérebro, o coração, os tendões e as costas do lado direito; Vênus, o olfato, o fígado e a carne; Mercúrio, a língua e a bília; Lua, a parte esquerda do corpo, o gosto, o ventre e o útero (Ogáyar, 1989).

Como resquício das concepções astrológicas na medicina, até hoje a gripe é chamada pelo termo italiano “influenza”. Na Idade Média o termo “influentia” era utilizado para explicar diversos sintomas atribuídos à influência dos astros na saúde e nas doenças humanas (Bizzo, 2012).

Escreve Campos (1967) que o nosso camponês continua a acreditar na influência dos fenômenos celestes nas perturbações do seu organismo. Os ensinamentos antigos a respeito dos astros, dos planetas

e da lua, em particular, continuam chegando ao homem do campo através das edições do famoso Lunário Perpétuo, obra consultada e respeitada ainda hoje pelo sertanejo.

Afirma Rodrigues (2001) que é a partir da medicina grega que se pode traçar uma linha nítida de transmissão dessas ideias até a medicina popular brasileira.

Embora tenha recebido muitas contribuições dos diversos grupos negros e indígenas que participam da formação cultural do Brasil, ela é, em sua essência, um saber que veio com o colonizador português, sendo facilmente rastreado até a medicina praticada na Europa daquela época. Sua origem remota está no saber médico da Grécia antiga, na medicina hipocrática (Rodrigues, 2001).

Os princípios da medicina hipocrática, especialmente a noção do equilíbrio como fundamento da manutenção da saúde, formam a base da explicação das doenças na nossa medicina popular. Conforme essa teoria, são os humores que, pelo equilíbrio de suas qualidades, devem manter o organismo sadio. A doença é a ruptura desse equilíbrio. Ela se instala quando uma das qualidades do corpo humano ganha predomínio sobre as outras pela ação de um agente interno ou externo. Essa condição varia de pessoa a pessoa; conforme prepondera a natureza quente, fria, seca ou úmida em cada indivíduo (Rodrigues, 2001).

No século XVI, a medicina da Península Ibérica era o resultado de múltiplas influências: as crenças celtas, os princípios da medicina grega e romana, o uso das preces e bênçãos cristãs e as crenças mouriscas. A medicina baseada nas práticas gregas predominava nesse tempo das conquistas. Entretanto, ela não tinha chegado aos povos ibéricos diretamente de seus criadores, mas através do Islã que a aprenderam, desenvolveram e divulgaram, principalmente através da influência de alguns grandes médicos que criaram escolas

importantes, como Rhazes (850-925) e Avicena (980-1037). Eles preservaram os saberes da medicina hipocrática, a primeira a mostrar que a doença tem causas naturais e que seu estudo e a ação médica correspondente não podem se limitar ao aspecto mágico religioso (Rodrigues, 2001).

Por isso, o conhecimento popular sobre práticas de cura, doença e terapia continua ligado ao saber tradicional fundamentado em um dos princípios da medicina hipocrática: a necessidade de manter o equilíbrio das forças antagônicas que convivem dentro do organismo (Rodrigues, 2001).

A concepção vigente no âmbito da cultura popular ainda é a da teoria dos humores e da correspondência universal do micro e do macrocosmo. Em tal concepção, o corpo humano, os vegetais, as estrelas, assim como tudo no universo, possui uma correspondência íntima e cifrada, que caberia aos homens descobrir. Os estados de humor, as estações do ano, as temperaturas, as condições de secura ou umidade, os órgãos do corpo, as secreções, os temperamentos humanos são interligados numa estrutura quaternária. Assim, segundo tais idéias hipocráticas e galênicas, cada alimento corresponderia a certo grau de calor e umidade que o tornaria adequado a certas pessoas, idades, doenças (Carneiro, 2005).

Um dos destaques do Lunário refere-se ao regime sanitário de Avicena (Cortés, 1768: 244-260), que na verdade são preceitos higiênico-dietéticos com forte repercussão nos hábitos alimentares da população nordestina.

Os hábitos alimentares são parte de uma teoria do alimento construída sobre três pares de oposições: “forte/fraco”, “quente/frio” e “reimoso/descarregado ou manso”, que exprimem uma relação percebida entre o alimento e o organismo. Em seu conjunto, tais pares de oposições exprimem uma oposição comum

subjacente: aquela entre natureza e cultura (Woortmann, 1978).

De fato, “quente” e “frio” transcendem ao domínio dos alimentos. Pode-se dizer que se trata de categorias cosmológicas globais onde se opõem o dia e a noite; o sol e a lua; o nervoso e o calmo; o racional e o emocional; a luz e a escuridão (Woortmann, 1978).

No Lunário pela primeira vez é citado um conceito de “reuma” quando se refere aos efeitos da “pimenta-negra” que “desfaz a reuma que se cria no peito” (Cortés, 1606: 117) que tantas consequências teve (e ainda tem) nas noções sobre hábitos alimentares relacionados à saúde na medicina popular brasileira.

Ao tentar compreender como funciona o sistema explicativo das doenças provocadas pelo alimento na medicina popular, nenhum conceito parece ser tão adequado quanto o de alimento “reimoso”. Ele está associado à classificação dos alimentos conforme os princípios da medicina humoral-hipocrático-galênica, mas é muito mais complexo que a classificação em quentes ou frios, fortes ou fracos, pois, enquanto essas qualidades são parte da natureza do alimento, o ser reimoso não o é. A condição de reimoso, atribuída a um alimento, não é permanente e não é a mesma em qualquer circunstância, como são as demais qualidades. Ela nasce da relação do alimento com o organismo que o ingere e é só por essa relação que ganha sentido (Rodrigues, 2001).

Etimologicamente reima ou reuma origina-se do grego e significa a corrente de um líquido ou o fluxo de um humor orgânico, enquanto reimoso é definido como aquilo que provoca a reima. O que primeiro ressalta é o significado etimológico da palavra reima: sua associação à teoria dos humores para explicar as doenças. Assim, se reima é o fluxo dos humores, reimoso será aquele alimento ou atitude capaz de perturbar esse fluxo (Rodrigues, 2001).

Assim, os alimentos podem ser “reimosos” ou “mansos”. A “reima” um termo derivado do termo grego *rheuma* também designa “mau gênio”, é uma “qualidade” do alimento que o torna ofensivo para certos estados do organismo e em certos momentos da vida da pessoa. A reima, enfim, parece ser algo que existe na comida, mesmo no animal ou na planta de onde se origina a comida, e que atualiza a si mesma e ao seu equivalente existente no corpo humano quando ingerida (Woortmann, 1978).

Até bem pouco tempo, curandeiros, boticários, cirurgiões-barbeiros e parteiras apareciam em grande parte dos textos que se dedicavam à história da medicina no Brasil como categorias difusas e quase sempre marginais. A maior parte dos escritos sobre o assunto contentou-se em repetir o discurso médico relativo à sua ação como atividades marcadas pela ignorância, pela superstição e pela ineficácia. Entretanto, na prática, ao longo dos três primeiros séculos da história do Brasil, apenas uma tênue fronteira distanciava o saber médico oficial dos saberes populares (Witter, 2005).

Além disso, ocorreram conflitos não apenas entre a medicina e suas concorrentes populares, mas entre os próprios médicos acadêmicos e as teorias explicativas da doença e das terapias que utilizavam, daí, como sustenta Witter (2005), deve-se usar o termo “medicinas”. As práticas populares de cura acabaram aparecendo, assim, em boa parte da historiografia, como pertencentes a um conjunto de atitudes “pré-rationais” e ilógicas, fruto de uma mistura de culturas (visto de forma pejorativa) e do “abandono” em que viveram as povoações brasileiras, especialmente durante o período colonial. Tais práticas ter-se-iam originado, para a maior parte dos autores que comentaram o tema da “falta” de médicos. Este fato teria feito com que estas fossem admitidas pelas autoridades, por certo tempo, como um “mal necessário” à sobrevivência da população.

São estas ideias que vão compor o arcabouço teórico para se compreender a medicina popular brasileira, destacando-se o papel de reprodução e permanência das noções veiculadas no “Lunário Perpetuo” de Cortés.

## AS DIVERSAS EDIÇÕES DO LUNÁRIO

Na verdade muita coisa mudou no Lunário de Cortés publicado originalmente em 1594. As diversas edições do Lunário foram sendo acrescidas ou excluídas pelos editores. A própria edição examinada no presente trabalho (edição espanhola de 1768) passou por um expurgo feito pela “Santa Inquisição” em 1707. De acordo com Sarrión Mora (2006: 32) um dos pontos censurados pela Inquisição era uma proposição de Cortés que recomendava defumar-se a casa com “romero” para afastar os “espíritos imundos”(Cortés, 1606: 119). É de se notar que nas edições posteriores da obra (1768, 1823, 1859 e a edição portuguesa de 1912) os usos do “romero” e de outras ervas foram excluídos.

Tome-se como exemplo os acréscimos e exclusões que sofreram as edições do Lunário quando se comparam os temas médicos nas edições espanholas de 1606 (terceira edição acrescida pelo próprio autor) e de 1768 (expurgada pela Inquisição e aumentado por D.Pedro Enguera, “professor de Mathematicas”): na edição de 1606 os temas de medicina estão espalhados pelo livro enquanto na de 1768 estão concentrados num determinado número de páginas. Além disso, existe na edição de 1606 um interessante capítulo sobre os “remédios” contra pulgas, carrapatos, piolhos, moscas, mosquitos e ratas que não constam da edição de 1768 e posteriores. Na edição de 1606 também existe um “tratado de coisas particulares e segredos

admiráveis da natureza” bem como os “avisos das enfermidades naturais muito estranhos, os quais foram inventados de um modo artificial por um certo astrônomo e enviados aos reis do Egito” foram substituídos na edição de 1768 pelos “acontecimentos das enfermidades pelos dias da lua” (Cortés, 1606: 140).

A edição espanhola de 1823 (Cortés, 1823) em relação aos temas médicos é praticamente igual a de 1768. Já a edição de 1859 (Cortés, 1859, nova edição corrigida e aumentada), além de excluir os temas médicos citados anteriormente, faz a inclusão dos seguintes temas: a) Remédio específico para curar o mal da raiva (p.154-155); b) Cólera morbo segundo Dr. Manuel Losena Valladares, de Cadiz (p.156-158); c) Remédio contra a cólera (p.158-159); d) Bálsamo contra as rachaduras dos seios das parturientes (p.159-160); e) Banhos minerais da Espanha (p.197-200).

No caso da edição portuguesa de 1912 os seguintes temas médicos foram acrescentados: “aplicação medicinal de plantas, frutos e sementes dos campos; remédios universais para curar doenças nos homens (baseados nos médicos Carlos Estevão e João Lihaut “da cidade de Paris”); receitas diversas para enfermidades dos animais (que se refere particularmente às doenças do gado) que foi traduzida e emendada por Antonio da Silva Brito (Cortez, 1912).

A parte dos “remédios universais” se constitui numa amostra bastante representativa das plantas medicinais ibéricas, algumas dessas introduzidas no Brasil no período colonial.

Como se pode constatar, em relação aos temas médicos, o Lunário mudou significativamente ao longo do tempo, ora excluindo ou incluindo determinados temas que não foram escritos pelo autor original.

Mesmo assim, a sua influência cultural no Nordeste brasileiro, a partir da primeira edição portuguesa de 1703, foi muito marcante.

Tome-se como exemplo atual o show do artista Antonio Nóbrega denominado “Lunário Perpétuo” que se constituiu numa verdadeira síntese cultural do povo nordestino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. V. 2008. Descrição e tratamento do transtorno da “mania” em Pernambuco segundo o médico Simão Pinheiro Morão (c.1618-1685). *Psychiatry on line Brasil*, v.3, nº 11,

BIZZO, N. *Pensamento científico: a natureza da ciência no ensino fundamental*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

CAMPOS, E. 1967. *Medicina popular do Nordeste: superstições, credences e mezinhas*. 3ª ed. Edições O Cruzeiro, 157p.

CARNEIRO, H. S. 2005. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. *História: Questões & Debates*, n. 42, p. 71-80.

CARVALHO G. 2006. *Lyra Popular: o cordel do Juazeiro*. Museu do Ceará Secretaria da Cultura do Estado do Ceará,

CORTÉS, G. 1606. *Lunario nuevo, perpetuo y general, y los pronosticos de los tiempos universales*. Alcalá de Henares, em Casa de Juan Gracian.

CORTÉS, G. 1768. *El non plus ultra de el lunario perpetuo: general y particular para cada reyno, y provincia*. Barcelona: Em la Imprenta de Maria Ângela Martí Viuda.

CORTÉS, G. 1823. *El nom plus ultra del lunario y pronóstico perpetuo, general y particular para cada reyno y provincia*. Barcelona: Em la imprenta de Valero Sierra y Marti.

CORTÉS, G. 1859. *Lunario y pronostico perpetuo*. Málaga: Imprenta y Librería de Martínez de Aguilar.

CORTEZ, J. *Lunario perpetuo pronostico geral e particular*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1912.

FRANÇA JÚNIOR, L. C. 2007. O Juízo do Ano. Um estudo sobre o almanaque popular no Nordeste. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. V Congresso Nacional de História da Mídia, São Paulo.

MEDEIROS FILHO, J. & FARIA, O. L. 2001. *Seridó – Séc. XIX (fazendas & livros)*, 2ed. Gráfica Marques Saraiva,

MOURA, R. V. 2009. *A narrativa impressionista dos almanaques de cordel*. Disponível em [eventosufrpe.com.br/jepex2009](http://eventosufrpe.com.br/jepex2009).

OGÁYAR, J. H. 1989. El hombre astral en los libros de horas impresos. *Cuadernos de Arte e Iconografía*, Tomo II, n. 3.

RODRIGUES, A. G. 2001. Buscando raízes. *Horizontes Antropológicos*, ano 7, n. 16, p. 131-144,

SANTOS, G. S. 2005. A arte de sangrar na Lisboa do antigo regime. *Tempo*. 19: 43-60.

SARRIÓN MORA, A. 2006. *Médicos e inquisición em el siglo XVII*. Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.

SILVA, M. L. V.; ALVES, Â. G. C. & ALMEIDA, A. V. 2004. A zooterapia no Recife (Pernambuco): uma articulação entre as práticas e a história.

*Biotemas*, 17 (1): 95 – 116.

SZESZ, C. M. 2008. Os almanaques populares: leituras e apropriações em Ariano Suassuna. *ANPUH –RS*.

WITTER, N. A. 2005. Curar como arte e ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. *Tempo*, nº 19, p. 13-25.

WOORTMANN, K. 1978. Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda: relatório final, *Série Antropologia*.



